

VENDEDORAS DE RUA EM SALVADOR-BA: PASSADO E PRESENTE

Autores: PRISCILA MAGALHÃES COSTA;

Introdução

Este trabalho é fruto de pesquisa teórica em andamento. Trata-se da primeira parte de uma pesquisa ampla cujo objetivo é analisar a história e as atuais condições de trabalho das mulheres vendedoras ambulantes, na cidade de Salvador-BA. Atualmente, este tipo de trabalho integra o setor informal da economia capitalista e se caracteriza por um histórico marcado pela escravização, pela opressão, pela discriminação e pela invisibilidade, mas também por estratégias de resistência. Faz-se imprescindível estudar as origens do trabalho de comércio de rua informal feminino nas ruas da capital baiana, pois estas trabalhadoras vivenciam de forma mais intensa as consequências da desigualdade social, além de se encontrarem submetidas a longas e múltiplas jornadas de trabalho e à falta de perspectiva, principalmente, no que diz respeito à praticamente ausente seguridade social.

Material e métodos

Nesta pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa, pois de acordo com Richardson (1999), é a mais adequada para conhecer características de um fenômeno social, de forma que contribui para buscar explicações acerca de suas causas e consequências. A primeira fase deste estudo tencionou compreender a história do trabalho das vendedoras de rua. Para atingir tal objetivo, foi utilizado o instrumento metodológico pesquisa bibliográfica, de forma que optou-se por estudar fontes elaboradas por autores que possuem domínio acerca da história do trabalho urbano de vendagem efetuado por mulheres negras. Este método também foi usado para uma maior aproximação com os temas trabalho feminino e informalidade na contemporaneidade. Assim sendo, houve consulta a livros, artigos e publicações periódicas. Adotar este método como uma das fases do projeto foi relevante, pois, de acordo com Gil (2002), a partir da pesquisa bibliográfica, o pesquisador passa a ter disponibilidade de dados que darão acesso a uma infinidade de fenômenos maior do que os dados que alcançaria se ele mesmo fosse diretamente obtê-los.

Resultados e discussão

Após estudos em diversas fontes historiográficas descobriu-se que, espalhadas pelas ruas mais centrais e movimentadas de Salvador, as vendeiras eram pequenas negociantes que comercializavam vários tipos de produtos, de comidas a rendas, por elas elaboradas. Sua condição variava de mulheres escravizadas - "escravas de ganho" - a ex-escravizadas, mulheres libertas que obtiveram sua alforria após anos a fio acumulando o que era possível do que ganhavam através das vendas.

Um número considerável de mulheres negras, na condição escravizada ou livre, em Salvador, trabalhava como ganhadeira. Segundo Reis (2003), elas quase dominavam o comércio de rua, seguindo, desse modo, uma tradição africana. A cidade dependia dessas vendeiras para a distribuição de certos gêneros, como "peixe, verdura e até produtos de contrabando" e elas monopolizavam a circulação de alguns artigos considerados básicos.

Soares (1996) fez um estudo sobre as ganhadeiras em Salvador, no século XIX, e reforça que as mulheres negras - escravizadas, livres e libertas - ocuparam destacado lugar no comércio urbano através desse ganho de rua, exercendo assim, uma forma de resistência, construída a partir do surgimento de um universo próprio, uma rede com dimensões econômica, social e política.

No que diz respeito ao comércio de rua em Salvador, locais específicos foram estabelecidos, já no século XIX, para a venda de produtos em feiras livres, existindo, inclusive, a necessidade de pedir licença municipal e pagamento de taxa de matrícula, o que atesta o controle exercido pelo poder público sobre essa atividade. Reis (2003) reitera essa ideia da vigilância repressiva e do controle quando afirma que foram inúmeras as leis criadas com o intento de reduzir as atividades dessas mulheres durante a era colonial, porém, não surtiram efeito. Ferreira Filho (1998-1999) salienta que, na República, as vendeiras tinham sua liberação de matrícula condicionada por uma autorização dos seus respectivos maridos, se fossem casadas, e passou a ser proibido o uso das calçadas para venda, assim como comida em bandejas e tabuleiros, e foram delimitados horários para a vendagem

Com relação à condição das trabalhadoras informais nos anos mais recentes, destaca-se o estudo de Braga (2002), relativo à ocupação informal em Salvador nos anos oitenta e noventa. A análise demonstra que os homens constituíam a maior parte da força de trabalho, mas os novos padrões culturais e o crescimento da pobreza modificaram esta configuração, crescendo assim, o número de mulheres neste quesito. Contudo, no setor informal, elas sempre dominaram, integrando a parcela dos indivíduos com menor renda entre os trabalhadores autônomos, apesar de sua maior incidência.

Hoje, o comércio de rua na capital baiana é entendido como integrante do setor informal da economia capitalista. Após a reestruturação produtiva instaurada com a crise de 1970, o consumo, a produção e o trabalho flexível passaram a configurar a economia, desse modo, cresce o trabalho informal, principalmente nas economias periféricas mundiais. É a partir desta perspectiva que parte a análise de Druck, Oliveira e Jesus (2010) ao tratarem dos sem emprego, definidos como os trabalhadores informais ou desempregados. Os autores analisaram as taxas de informalidade por região metropolitana e observaram que entre 2000 e 2007 ocorreu algo novo: uma aproximação da proporção da informalidade do maior centro de economia industrial no país, a Região Metropolitana de São Paulo, com a da Região Metropolitana de Salvador, cidade marcada pela forte tradição de trabalho informal.

O recorte feminino deste estudo deve-se à conclusão de que a precarização social e do trabalho está diretamente ligada à divisão sexual do trabalho e as mulheres são as mais atingidas por essa deterioração. Após a reestruturação produtiva, o modo de trabalho vulnerável e flexível assumiu a forma do trabalho em tempo parcial nos chamados países do Norte, e, nos países do Sul, a do trabalho informal, contribuindo, dessa forma para o aumento de famílias pobres em ambos os hemisférios, famílias essas, em sua maioria, conformadas por mães solteiras (HIRATA, 2011).

Conclusões

Ao analisar as condições de trabalho das vendedoras de rua do centro de Salvador, conclui-se que estas estão determinadas pelas novas configurações sociais e econômicas alavancadas pelos novos moldes do trabalho, instituídos após a década de 1970, implementado no país nos últimos vinte anos e ainda em curso, e pela história, marcada pela exploração e pela pobreza, mas, também, pela resistência.

Nota-se que as trabalhadoras informais de Salvador permaneceram ocultas da história e são negligenciadas pelo Estado e pela sociedade na atualidade, pois enfrentam um contexto de múltiplas exclusões por serem mulheres, em sua maioria, negras e pobres. As políticas públicas em geral são focalistas e pontuais e não se orientam para a superação das diferenças e hierarquias no contexto da inserção dos sujeitos no mundo do trabalho. Assim sendo, essas mulheres passam por constrangimentos e se defrontam com restrições pré mercado de trabalho, discriminação no mercado de trabalho e oferta limitada de equipamentos sociais de educação e de saúde para ela mesma e/ou sua família.

Deve-se ressaltar a urgência na ampliação de políticas públicas voltadas para mulheres trabalhadoras informais, desprotegidas socialmente e fragilizadas pela precarização e flexibilização no mundo do trabalho, que enfrentam um processo histórico de discriminação. Além de políticas ativas de emprego, serão necessárias políticas de ampliação de seguridade social e de redistribuição de renda. Assim, faz-se necessário apreender as várias expressões que assumem, nos dias atuais, as desigualdades sociais novas formas de resistência e ressignificação desta condição.

Referências Bibliográficas

- BRAGA, T. A **Ocupação Informal na Região Metropolitana de Salvador**: uma análise das décadas de oitenta e noventa. [s.n.], 2002. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Disponível em: . Acesso em: 20 mai. 2017.
- CACCIAMALI, M. C. **Um estudo sobre o setor informal urbano e formas de participação na produção**. 1982. 163 f. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- DRUCK, G., OLIVEIRA, L P. J. de.; JESUS, S. C. S. de,. A precarização social do trabalho no Brasil: o caso da vulnerabilidade dos jovens e dos sindicatos. In: BRAGA, T.; VIDAL, F. NEVES, L. (Org.) **Trabalho em questão**. Série estudos e pesquisas, n. 86. Salvador: SEI, 2010. p.103-129.
- REIS, J. J. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do Levante dos Malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FERREIRA FILHO, A. H. Desafrikanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura populares em Salvador. **Revista Afro-Ásia**. Salvador, n. 21-22, 1998-1999. Disponível em: . Acesso em: 23 mar. 2017.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.
- HIRATA, H. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Caderno CRH**, Salvador, v.24, n. esp. 01, 2011. Disponível em: . Acesso em: 24 mar. 2017
- REIS, J. J. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do Levante dos Malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Editora Atlas.
- SOARES, C. M. As Ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. **Revista Afro Ásia**, Salvador, n. 17., 1996. Disponível em: . Acesso em: 10 mai. 2017.